

Aproximações entre Carlos Drummond de Andrade e Ailton Krenak

Approximations between Carlos Drummond de Andrade and Ailton Krenak

Kaylane Gomes Castro

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Belém | PA | BR

kaylane.gc19@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-8984-0506>

Izabela Guimarães Guerra Leal

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Belém | PA | BR

izabelaleal@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6630-9970>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar aproximações filosófico-literárias entre o ativista indígena Ailton Krenak e o poeta modernista Carlos Drummond de Andrade. Além de tratar de temas como natureza e cultura, os efeitos do antropoceno, a noção de corpo-território e de que maneira os autores, em seus diferentes contextos sociais e culturais, compartilham preocupações semelhantes em relação à exploração mineral e aos impactos devastadores da lógica produtivista. Por meio de uma abordagem qualitativa, comparativa e bibliográfica, esta pesquisa baseou-se na análise de uma seleção de expressivas obras de Ailton Krenak, com ênfase no livro *A vida não é útil* (2020), e poemas emblemáticos de Carlos Drummond de Andrade tais como “O homem; as viagens” e “Montanha pulverizada”. O estudo fundamenta-se em autores como Benites (2023), Kopenawa e Albert (2010), Sussekind (2018), Latour (2020), Wisnik (2018), Danowski e Castro (2014). Os principais resultados indicam uma convergência de Drummond e Krenak ao promoverem reflexões acerca da exploração predatória do planeta e ao realizarem críticas à atividade mineradora em Minas Gerais, região onde ambos nasceram. Conclui-se que se faz necessário reavaliar as concepções estabelecidas pelo pensamento ocidental, reimaginar o futuro a partir das cosmologias indígenas e reafirmar a literatura como um espaço produtivo para formular novas formas de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Ailton Krenak; mineração; literatura indígena.



Abstract: This article aims to identify philosophical and literary similarities between the indigenous activist Ailton Krenak and the modernist poet Carlos Drummond de Andrade. In addition to addressing themes such as nature and culture, the effects of the Anthropocene, the notion of body-territory, and how the authors, in their different social and cultural contexts, share similar concerns regarding mineral exploitation and the devastating impacts of productivist logic. Through a qualitative, comparative, and bibliographical approach, this research is based on the analysis of a selection of significant works by Ailton Krenak, with emphasis on the book *A vida não é útil* (2020), and emblematic poems by Carlos Drummond de Andrade such as “O homem; as viagens” and “Montanha pulverizada”. The study is grounded in authors such as Benites (2023), Kopenawa and Albert (2010), Sussekund (2018), Latour (2020), Wisnik (2018), and Danowski and Castro (2014). The main results indicate a convergence between Drummond and Krenak in promoting reflections on the predatory exploitation of the planet and in criticizing mining activity in Minas Gerais, the region where both were born. It follows that it is necessary to reassess the conceptions established by Western thought, to reimagine the future based on indigenous cosmologies, and to reaffirm literature as a productive space for formulating new ways of being and existing in the world.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; Ailton Krenak; mining; indigenous literature.

1 A voz ancestral de Ailton Krenak

Ailton Krenak é um dos mais relevantes pensadores da contemporaneidade, além de notável ativista socioambiental na defesa pelos direitos dos povos indígenas. Sua trajetória de vida inicia em 1953, no território Krenak, que fica localizado no leste de Minas Gerais, na região do Vale do Rio Doce. A partir da década de 70, Krenak passou a se dedicar ativamente ao movimento dos povos indígenas no Brasil, tendo um papel de destaque na luta para a conquista do “Capítulo do Índios” na Constituição Federal de 1988. Esse período ficou marcado pelo momento histórico no qual protagonizou um dos gestos mais simbólicos para a democracia brasileira, em que se manifestou na Assembleia Constituinte, no ano de 1987, pintando o rosto com tinta de jenipapo perante a mídia e os representantes legislativos, entoando, na tribuna, um comovente discurso de apoio às reivindicações que propunham garantir os direitos dos povos originários.

Além disso, organizou a Aliança dos Povos das Florestas, contribuiu para a criação da União das Nações Indígenas, é um dos coautores da proposta da Unesco que criou a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço e é comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República. Em 2016, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e, em 2023, tornou-se o primeiro indígena a ser eleito para uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Tais episódios e reconhecimentos concedem legítimos méritos pela exímia contribuição intelectual à comunidade mundial e reforçam a importância histórico-cultural da voz ancestral do ativista.

Nesse cenário, a literatura indígena, da qual Ailton Krenak é um dos maiores representantes na contemporaneidade, se apresenta como uma ferramenta potente de expressão e de um esforço para visibilizar, por meio da escrita, as suas lutas e visões de mundo. Durante muito tempo, o espaço destinado a esses sujeitos indígenas estava delimitado somente como um objeto de pesquisa por parte de antropólogos, linguistas, cientistas e demais estudiosos, por isso, a obra de Krenak não só concretiza de maneira material a sua produção enquanto pensador indígena, mas também estabelece um impacto social de caráter político e de valorização identitária. Seu pensamento apresenta saberes e memórias que se entrelaçam em textos que difundem a cosmovisão dos povos indígenas, demonstrando o valor da coletividade na preservação da ancestralidade.

Com um vasto contingente de livros publicados e amplamente traduzidos, Ailton Krenak propõe diversas reflexões pertinentes à sociedade contemporânea, tais como a reflexão a respeito da crise ambiental, a reconexão com os saberes ancestrais e a reinterpretação das concepções de progresso e modernidade. Dentre suas publicações de maior destaque, encontra-se a obra *A vida não é útil* (2020), um compilado que reúne cinco textos, os quais são adaptações oriundas de entrevistas e palestras realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020: “Não se come dinheiro”; “Sonhos para adiar o fim do mundo”; “A máquina de fazer coisas”; “O amanhã não está à venda” e “A vida não é útil”.

No texto que dá título ao livro, o autor elabora uma crítica sobre a maneira como a humanidade tem vivido:

Nós estamos, em nossa relação com a vida, como um peixinho num imenso oceano, em maravilhosa fruição. Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis (Krenak, 2020, p. 109).

Essa visão não apenas expõe os valores que se fortaleceram ao longo da história ocidental de que toda a existência deve estar voltada para uma função específica a ser cumprida, mas também remonta aos princípios conservadores que conduzem à dicotomia entre natureza e cultura.

2 Natureza e Cultura: uma dicotomia ocidental

Felipe Sussekkind, em “Natureza e Cultura: sentidos da diversidade” (2018), afirma que: “A formulação ocidental do humano como medida de todas as coisas é complementar à consolidação da concepção da natureza como recurso, e dos seres não humanos como instrumentos ou

objetos para os projetos humanos” (Sussekind, 2018, p. 245). Nesse sentido, Sussekind revela que a dicotomia estabelecida pelo pensamento ocidental tem justificado a exploração de tudo aquilo que se compreende como natureza, sendo vista como algo externo, apartado da cultura e, portanto, um objeto a ser dominado, explorado e transformado da maneira que se pretende.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019, p. 49) Krenak afirma: “Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista”. Assim, Krenak, reafirma a não separação entre natureza e cultura e pontua que a civilização construiu uma lógica predatória que tem sustentado os pilares de um desenvolvimento que está diretamente atrelado ao consumo desenfreado dos bens naturais, tidos como recursos, que existem apenas com o fim de servir ao homem e não como parte essencial da existência.

A dicotomia natureza e cultura que organiza o pensamento ocidental compreende o mundo animal como inferior ao humano, considerando que apenas a humanidade é provida de cultura. Esse mecanismo permite determinar não somente o não-humano (animais, vegetais e minerais), como também hierarquizar o “sub-humano” – aqueles que foram historicamente submetidos à escravidão ou segregados (Sussekind, 2018, p. 246) – legitimando práticas de exploração e dominação. Em, “Não se come dinheiro”, Krenak se posiciona ao destacar que

Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade – que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições –, foram devastando tudo ao redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda a vida que deliberadamente largamos à margem do caminho (Krenak, 2020, p. 10).

Essa operação evidencia a perpetuação de um ciclo que se estende entre as diversas gerações de matriz europeia, justificando desigualdades e violências, sobretudo contra povos indígenas e comunidades tradicionais. Já os indivíduos que se enquadram nos critérios estabelecidos para a construção desse grupo “humano” são, sistematicamente, colocados em uma posição de maior privilégio, não apenas do ponto de vista cultural, mas também econômico e social em detrimento de um processo de marginalização de grupos minoritários ou invisibilizados pela ferramenta do poder político-governamental, com o intuito de alcançar cada vez mais um progresso ilusório.

Desse modo, é válido ressaltar que as reflexões de Ailton Krenak se tornam um alerta de que perpetuar os padrões herdados culturalmente, que mantêm o atual modo de vida que conhecemos, sem levar em consideração as perspectivas que propõem uma convivência de harmonia entre todos os organismos vivos e o reconhecimento de uma relação de interdependência, é prolongar uma história fadada ao fracasso e à iminente extinção não só da espécie humana, mas também de outras formas de vida no planeta.

3 A metáfora dos “paraquedas coloridos”

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), o escritor propõe que, diante dos desafios climáticos e da trajetória de queda em direção à destruição, é necessário adotar um gesto de esperança que consiste em “aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos” (Krenak, 2019, p. 20), uma metáfora que sugere não apenas resiliência, mas também reinvenção diante do colapso.

Essa ideia reaparece em *A vida não é útil* (2020), quando Krenak recorre à figura do consagrado modernista Carlos Drummond de Andrade, seu conterrâneo mineiro, que nasceu em 1902, na cidade de Itabira. Drummond é considerado por ele como um desses paraquedas coloridos aos quais devemos nos apegar quando tudo está entrando em parafuso (Krenak, 2020, p. 24). A última estrofe do poema “O homem; as viagens”, citada no livro, é fundamental para repensar o futuro e as ações humanas:

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver. (Andrade, 2012a, p. 27-29)

No trecho mencionado, aponta-se a obsessão insaciável por “colonizar” e se sugere que, depois de exaurir as possibilidades de esgotamento de todos os sistemas, o maior desafio do homem reside na viagem interna para dentro de si, na necessidade de “pôr o pé no chão/do seu coração” e adentrar nesse ambiente negligenciado por tanto tempo em prol da conquista de outros mundos e riquezas, visto que assim poderá descobrir “[...] em suas próprias inexploradas entranhas/a perene, insuspeitada alegria/de con-viver” com sua humanidade e com a de quem o cerca. Essa visão poética dialoga diretamente com a crítica de Krenak e expande a perspectiva de uma reconexão entre os humanos, os valores ancestrais e a reconfiguração do atual modelo de vida ocidental em que a premissa da utilidade se sobrepõe ao respeito pelos ciclos naturais.

4 A crise do antropoceno

No texto “O amanhã não está à venda”, presente no livro *A vida não é útil* (2020), há uma passagem em que Krenak, mais uma vez, retoma um breve e emblemático poema de Drummond para uma reflexão sobre os impasses da modernidade: “Penso naqueles versos do Carlos Drummond de Andrade: ‘Stop. / A vida parou / ou foi o automóvel?’” (Krenak, 2020, p. 88). A partir desses versos é possível notar como Drummond, em pleno século XX, pensava sobre o impacto de uma mentalidade alienante e que conduz ao cansaço da sociedade. A dúvida que paira em “A vida parou / ou foi o automóvel?” consolida a inquietação de uma existência confrontada pela indistinção entre o que é a vida e a máquina. Krenak, ao trazer esses versos para o contexto atual, reflete o quanto a humanidade segue presa a esse mesmo dispositivo e, mais do que indissociados desse mecanismo, os seres humanos estão também

[...] viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo. A modernidade tem esses artifícios (Krenak, 2020, p. 17).

O tempo, que antes parecia apenas uma entidade abstrata, na dita modernidade, converte-se em mercadoria, em ilusão de eternidade, na ânsia por poder. No entanto, tudo muda o tempo todo e o tempo também tem mudado. As ações que deveriam ser tomadas para mitigar os efeitos da crise climática estão atrasadas, em uma corrida que parece disputar contra o inevitável. Essa aceleração descontrolada do tempo, que comprime o espaço e a vida, fruto da insensatez capitalista, empurra a todos rumo a um futuro insustentável.

Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, no ensaio “Há Mundo Por Vir? Ensaio Sobre os Medos e os Fins” (2015), debruçam-se sobre a temática do “fim do mundo” como um fenômeno multifacetado que atravessa perspectivas filosóficas e culturais, cosmologias indígenas, catástrofes históricas e especulações sobre o porvir. Entre os conceitos mobilizados, destaca-se a intrusão de “Gaia”: uma maneira de nomear a entrada definitiva da Terra como um agente ativo no drama humano e que se manifesta como uma potência cada vez mais imprevisível e resistente à domesticação.

A transição da humanidade de habitantes para modificadores do planeta marca o advento do Antropoceno, um termo desenvolvido por Paul Crutzen e Eugene Stoermer para designar a era geológica vigente, que teria sucedido o Holoceno, tendo como marco inicial a Revolução industrial e um agravamento após a Segunda Guerra mundial. Para Danowski e Castro, o Antropoceno expõe as consequências da ganância humana: “Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época geológica muito depois de termos desaparecido da face da Terra” (Danowski; Viveiros de Castro, 2014, p. 8). Essa constatação escancara a falência da narrativa antropocentrista e evidencia o fato de que a Terra não depende de nós, mas nós dependemos dela. Fala-se, portanto, não de um fim do mundo em termos religiosos, mas de um fim do mundo tal como o conhecemos: um mundo sob o cruel domínio das pessoas.

Um autor recorrentemente citado no ensaio é Bruno Latour, o qual em *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno* (2020), fornece imensuráveis contribuições ao abordar essa profunda mutação ecológica. O autor propõe uma nova forma de lidar com

a “natureza” – um conceito cada vez mais instável no mundo ocidental – no contexto do Antropoceno e argumenta que o impacto da ação humana se equivale aos próprios fenômenos naturais como vulcões, rios, enchentes e até da ação das placas tectônicas (Latour, 2020, p. 124), reiterando a realidade dessa modificação intensa da Terra.

Latour também convida a pensar a disparidade entre a velocidade da degradação ambiental e a lentidão das respostas político-sociais: “O certo é que as geleiras parecem encolher mais rápido, assim como o gelo derrete mais rápido, e as espécies desaparecem a uma velocidade maior que o majestoso comboio da política, da consciência e da sensibilidade” (Latour, 2020, p. 118). O sociólogo demonstra que a sociedade está praticamente em estado de negação e inércia, o que o leva a propor uma revisão sobre os modos de habitar a Terra e a desconstrução daquilo que se entende como um ideal de progresso:

Nesse sentido, não seria impossível progredir, porém seria um progresso ao contrário, que consistiria em repensar a ideia de progresso, em retrogredir, em descobrir outra maneira de sentir a passagem do tempo. Em vez de falar de esperança, teríamos de explorar um modo bastante sutil de “desesperar”; o que não significa “se desesperar”, e sim não confiar apenas na esperança como engrenagem sobre o tempo que passa (Latour, 2020, p. 21).

Repensar a confiança depositada na crença de que o tempo, de forma autônoma, será capaz de apresentar todas as soluções aos problemas climáticos contemporâneos é também um gesto de abandonar uma postura de negligência, para que se possa, de fato, combater as agressivas práticas que vem contribuindo para a devastação do planeta. Desde os tempos remotos, faz parte dos discursos e das cosmologias indígenas uma complexa perspectiva que pensa a presença humana para além da ideia de que habitar é somente usufruir das riquezas naturais, pelo contrário, trata-se de se relacionar com a Terra.

Krenak destaca, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), que essa visão tão indiferente às evidências da destruição, como o derretimento das geleiras, os oceanos poluídos e as espécies entrando em extinção, está contaminada pelo valor do capital. Para ele, é urgente mudar a mentalidade negacionista que se opõe a enxergar a Terra como um organismo vivo e sensível, que tem se comunicado, demonstrado sua insatisfação, além de reforçar que

[...] todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda (Krenak, 2019, p. 31).

A sua fala, nesse excerto, evidencia aquilo que o pensamento ocidental ainda resiste em compreender de que não se trata apenas de salvar o planeta, mas de interromper uma postura predatória que o trata como um recurso inesgotável. Adiar o fim do mundo exige mais do que apenas conhecimentos técnicos, mas também despertar para a reconexão com a vida e a escuta de outros modos de existência que há séculos ensinam como viver em harmonia com outros seres.

O livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2010) é um caso singular da materialização dessa sabedoria ancestral. Escrito a partir do diálogo entre o xamã yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert, a obra se apresenta simultaneamente

como um relato de vida e um importante manifesto cosmopolítico, fornecendo perspectivas extraordinárias a partir da visão yanomami e que contribuem para compreender o mundo para além do panorama ocidental.

Kopenawa nasceu por volta de 1956, no alto rio Toototobi, ao norte da Amazônia brasileira, em um território frequentemente ameaçado pelos brancos (*napẽ*) que também atacam o modo de vida do seu povo. Em meio aos relatos presentes na obra, o líder indígena critica o cenário devastador que vem afetando não apenas a sua realidade como também a de inúmeras outras comunidades indígenas: a epidemia do ouro (*oru xawara*), que resulta na exploração da fauna e da flora pelas mãos dos brancos, além da disseminação de males como doenças e violências oriundos desse contato. Ainda assim, Kopenawa emprega a sua voz e sabedoria para alertar aos brancos, tão ignorantes e fixados na propriedade e na mercadoria, que se faz necessário mudar o rumo pelo qual a civilização ocidental tem caminhado, levando a sério as advertências dos povos indígenas sobre a destruição ambiental e suas consequências.

Para Kopenawa (2010), os garimpeiros são verdadeiros comedores de terra que devastam tudo na floresta e destroem as montanhas em busca de mais riquezas, sem nunca se saciar. De acordo com a cosmologia Yanomami, os minérios e o petróleo são “coisas maléficas e perigosas, impregnadas de tosses e febres, que só *Omama* conhecia” (Kopenawa; Albert, 2010, p. 357). Por isso, a extração desses materiais por meio de constantes escavações e perfurações, mais do que provocar efeitos negativos ao meio ambiente, é capaz também de espalhar o rastro da poluição, arrancando da terra a fumaça de epidemia, a qual Kopenawa também denomina como a “fumaça do metal” ou a “fumaça dos minérios”, que se alastra e provoca a “doença do minério”, fazendo adoecer tudo o que vive entre a terra e o céu. Desse modo, a morte recai tanto sobre os indígenas quanto sobre os não-indígenas e, quanto mais tempo essa realidade perdura, mais próximos estamos de ver o céu cair.

5 Maquinação do mundo

Em *Futuro ancestral* (2022), mais uma vez, Drummond é evocado por Krenak (2022, p. 30): “Se a gente devora montanhas e engole o subsolo da Terra para erguer cidades, o que estamos fazendo, como diria Drummond, é animar a maquinação do mundo”. A expressão “animar a maquinação do mundo” remete diretamente ao poema intitulado “A máquina do mundo”, que é considerado uma das grandes obras-primas do poeta modernista em decorrência de sua vasta riqueza visual, metafórica e estilística.

Embora já amplamente discutido, cabe aqui reconvocar a cuidadosa análise desse poema feita por José Miguel Wisnik em sua obra *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração* (2018), que adiciona ao texto novas camadas de interpretação, especialmente no que tange ao conteúdo das setes estrofes que se compreendem entre os versos 49 a 69, nas quais se evidenciam as tensões entre o conhecimento racional, a tentação, o progresso técnico-científico e “a descrição totalizante, em sua formulação poética mais acabada, do mundo em estado de máquina” (Wisnik, 2018, p. 210):

as mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo o que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que tantos
monumentos erguidos à verdade;

é a memória dos deuses, e o solene
sentimento da morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.
(Andrade, 1995, p. 123)

Wisnik evidencia como “A máquina do mundo” condensa uma dimensão crítica minuciosamente articulada na disposição de cada elemento, somando poesia, história e mineração como forças que moldam o mundo contemporâneo, apresentando tanto os objetos quanto as subjetividades sob o domínio da técnica e da exploração. A cadeia de imagens que se sucedem perpassa por diferentes aspectos da vida humana e adentra nos projetos da indústria, evocando “as mais soberbas pontes e edifícios”. Em seguida, o poeta se refere às esferas íntimas e psíquicas, nas quais “as paixões e os impulsos e os tormentos” também são submetidos à maquinação, e esse domínio tecnológico “[...] se prolonga até nos animais/ e chega às plantas”. Tal encadeamento culmina na evidência da ferida provocada pela mineração ao despontar “no sono rancoroso dos minérios”, que faz emergir a crítica drummondiana à violência do projeto minerador.

Há, no entanto, uma grande virada no poema, a partir do verso “dá volta ao mundo e torna a se engolfar”, em que surgem, nessa pluralidade imagética, elementos ainda indomáveis: “e o absurdo original e seus enigmas,/ suas verdades altas mais que tantos/ monumentos erguidos à verdade”; “é a memória dos deuses, e o solene/ sentimento da morte, que floresce”. Neste ponto, Wisnik indica que essa reviravolta proporciona a visão de um mundo não mais visto sob o olhar da engenharia e da tecnociência, mas atravessado por forças enigmáticas que escapam à racionalidade instrumental. Sendo assim, constrói-se uma formulação poética que não apenas capta tudo aquilo que foi colocado à disposição da “Máquina” – como a própria terra natal – como também aquilo que permanece no mistério do desconhecido.

As razões que conduziram Drummond a escrever tais versos não são expressamente evidentes, mas, diante do contexto da exploração mineral em Itabira que perdurou durante o século XX e ainda perdura, Wisnik acredita que “[...] há bons motivos para que essa intuição poética tenha sido desencadeada pela visão de Itabira no momento em que a drummondiana *morada do ser* [...] convertia-se em estoque da maquinaria mundial do ferro e do aço” (Wisnik, 2018, p. 217), evidenciando os efeitos da destruição mineradora não só na paisagem e na arte, mas também na vida do poeta.

6 Montanha pulverizada: o desaparecimento das montanhas

Em “Montanha pulverizada”, o poeta reconstrói de maneira comovente a paisagem familiar e singular da própria infância para denunciar o retrato da devastação da serra de Itabira:

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.
[...]
Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
— o trem maior do mundo, tomem nota —
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.
(Andrade, 2017, p. 61)

Inicialmente, o poema apresenta a serra vista da sacada, uma paisagem tão íntima que, em certa medida, se configura como parte “de todos os Andrades que passaram/e passarão [...]”, mas, com a passagem do tempo, a montanha é esvaziada de sua marcante figura, enquanto o “trem maior do mundo” a transporta para longe, deixando apenas “mísero pó de ferro” no corpo do poeta e na paisagem. A serra que antes foi descrita sob a ideia de perenidade, torna-se apenas ausência e matéria de poesia.

O desaparecimento da serra – o Pico do Cauê – não é um mero elemento convencional de ficção, mas um lento processo de devastação que se dá a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e culmina na criação da Companhia Vale do Rio Doce em 1942, com o objetivo de explorar o extravagante potencial ferrífero do local. Nesse período, com a intensificação das demandas do mercado global de aço, a extração mineral transformou aquela antiga montanha, outrora parte vital dos habitantes e da paisagem local, em uma cratera profunda (Wisnik, 2018, p. 35). Essa intervenção impôs a Itabira a convivência com o polo minerador, cujas detonações, máquinas e escavações anularam o horizonte.

A ideia do “trem maior do mundo” como um símbolo da industrialização e dos efeitos irreversíveis da exploração ressurgem com ainda mais potência em “O maior trem do mundo”, poema que recupera o sentimento de perda e de indignação pela devastação da terra natal de Drummond:

O maior trem do mundo
Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
Leva minha terra
Para o Japão
O maior trem do mundo
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
Engatadas geminadas desembestadas
Leva meu tempo, minha infância, minha vida
Triturada em 163 vagões de minério e destruição
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano
Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais.
(Andrade, c2025)

Novamente, o trem leva consigo não apenas o minério, mas também traços essenciais do ser: “Leva minha terra”; “Leva meu tempo, minha infância, minha vida”; “Meu coração itabirano”. Ao converter a serra em lucro e em produto de exportação para diferentes países, sem deixar “nem terra nem coração [...]”, o elo entre “Montanha Pulverizada” e “O maior trem do mundo” se dá na conexão profundamente afetiva com a vista, na hipérbole do “trem maior do mundo” que amplifica o sentimento da dor.

A essência da vida atravessa não só os seres humanos, mas também as pedras, as geleiras, as matas, as montanhas e transcende a dimensão material. Para as culturas indígenas e de diferentes povos tradicionais ao redor do mundo, cada montanha, por exemplo, é mais do que uma grande rocha que se soma à paisagem, pois cada montanha é uma extensão do sujeito coletivo que se integra às tradições, aos hábitos da rotina e às celebrações sagradas, modificando o mundo e esbanjando uma presença viva inigualável (Krenak, 2022, p. 52). Mais do que matéria-prima, o que se extrai desses grandiosos entes é a possibilidade de existir em uma relação única de afeto e pertencimento. Esse desvinculamento com o que o pensamento ocidental estabelece como “natureza” também é identificado na filosofia de Krenak como uma consequência direta do atravessamento da modernidade. Em nome de um progresso desenfreado, consomem-se minérios, rios e florestas, mas o “trem-monstro” que devora a serra também avança implacável sobre os seres:

Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a atualização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas. Essa ideia me ocorre a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico: que estamos devorando alguma coisa por onde passamos (Krenak, 2020, p. 95).

Krenak também se aproxima da crítica drummondiana ao ressaltar que é o complexo liderado pela Vale, historicamente ligada à exploração mineral no Brasil, a responsável pela “[...] extração, o processamento e o despacho, para outros cantos do planeta, das nossas montanhas” (Krenak, 2020, p. 26), cuja destruição Drummond lamenta em seus versos.

7 Minas e o destino mineral

O líder indígena e o poeta dividem entre si um elo de cumplicidade forjado na sensibilidade crítica, no descontentamento diante do projeto destrutivo vinculado à ideia de progresso e na origem geográfica em comum que se dá com o nascimento de ambos, em períodos distintos, em Minas Gerais, um estado cujo próprio nome denuncia as marcas da extração mineral e que, ao longo dos séculos, testemunha o esgotamento de territórios, tornando-se o cenário de grandes desastres.

Em 2015, o Brasil se depara com a maior tragédia ambiental de sua história, quando o rompimento da barragem do Fundão provocou a morte de dezenas de pessoas e a contaminação do Rio Doce. Essa catástrofe, assim como muitas outras, foi ocasionada pela irresponsabilidade das grandes empresas e a ocorrência desse fato revela a cruel realidade de uma política desenvolvimentista que não mede os impactos negativos a longo prazo. Nesse sentido, o destino mineral de Itabira descrito por Drummond e o desastre de Mariana, que coloca em coma “o rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô” (Krenak, 2019, p. 20) estão relacionados, ainda que não sejam iguais, como indica José Miguel Wisnik, em *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração* (2018):

Associar os acontecimentos de Itabira e Mariana não significa equipará-los – um é efeito do lento desenrolar de uma exploração que opera em surdina ao longo de décadas, de modo crônico, localizado e praticamente invisível na cena pública nacional; outro eclode súbito e estrondoso, esparramado no espaço e reconhecido imediatamente como a maior hecatombe socioambiental do país, desmascarando a pulsão destrutiva da sanha extrativa e acumuladora. Embora diferentes, no entanto, o acontecimento catastrófico de Mariana, com tudo que tem de fragoroso e letal, pode ser visto como o raio que ilumina o que há de silencioso e invisível na catástrofe de Itabira. Ambos envolvem a mesma região, a mesma empresa, e fazem parte da mesma história [...] (Wisnik, 2018, p. 37-38).

Assim, como ressalta Wisnik, há um passado e um presente inevitavelmente interligados. Historicamente, Itabira ficou marcada pela fundação de uma empresa de mineração cujo nome, naquele tempo, levava o nome do rio Doce que, anos mais tarde, seria acometido pelo esvaziamento de sua vida por uma corporação menor, mas gerenciada pela mesma empresa, a Vale S.A.

Em *A vida não é útil* (2020), Ailton Krenak volta suas reflexões para a realidade mineira, revelando um olhar profundamente crítico sobre o “destino mineral” de regiões como o chamado “Quadrilátero Ferrífero” – ao qual a Itabira de Drummond pertence – e chamando a atenção para a obsessão moderna de perfurar o chão em busca de riquezas, desprezando as consequências desses atos. Nesse contexto, os desastres-crimes de Mariana e Brumadinho não são acidentes isolados, mas expressões da mentalidade que permeia o Antropoceno:

[...] Fiquei pensando no destino trágico do território que carrega este nome, Minas Gerais. Diamantina também, com mineradores entrando lá para tirar diamante, pedras preciosas — essa obsessão por furar o chão. O lugar onde estou é chamado de Quadrilátero Ferrífero. É de um mau gosto enorme dar um nome desses para um lugar. O que ele quer dizer? Que estamos ferrados. Duas barragens, uma em Mariana e outra em Brumadinho, derramaram ferro em cima da gente. O longo processo de desenvolvimento dessas tecnologias que nos enchem de orgulho também encheu os rios de veneno (Krenak, 2020, p. 27).

O que se extrai do nome “Minas” é a marca da mineração, de um território submetido à destruição silenciosa e contínua. A ironia de Krenak ao questionar o nome do lugar onde vive explicita esse trágico fenômeno em que uma terra orgulhosamente associada à riqueza é também marcada por desastres em que barragens derramam ferro em cima das pessoas e provocam um processo de envenenamento de toda a natureza. Essa denúncia reforça o diálogo com a poesia de Drummond, tal como se vê no poema “A palavra Minas”:

Minas não é palavra montanhosa
É palavra abissal. Minas é dentro
e fundo.

As montanhas escondem o que é Minas.
No alto mais celeste, subterrânea,
é galeria vertical varando o ferro
para chegar ninguém sabe onde.

Ninguém sabe Minas. A pedra
o buriti
a carranca
o nevoeiro
o raio
selam a verdade primeira, sepultada
em eras geológicas de sonho.

Só mineiros sabem. E não dizem
nem a si mesmos o irrevelável segredo
chamado Minas.
(Andrade, 2012, p. 112)

Em “A palavra Minas”, o poeta desvela a natureza abissal da palavra “Minas”: ela não é montanhosa, mas remete a algo que se encontra “dentro e fundo”. A referência à “galeria vertical varando o ferro/ para chegar ninguém sabe onde” explicita o fervoroso empenho por perfurá-la e a sua consequente morte simbólica, “sepultada em eras geológicas de sonho”. Sua verdade é um “irrevelável segredo”, o que indica que a profundidade de “Minas” é maior do que a dos minérios, é um enigma complexo que só os mineiros sabem e que sequer pode ser descrito, mas apenas sentido.

Do mesmo modo, no poema “Confidência do Itabirano” o poeta intensifica essa percepção ao inscrever a experiência pessoal na paisagem: “Alguns anos vivi em Itabira./ Principalmente nasci em Itabira./ Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro” (Andrade, 2012b, p. 10). Em seguida, o metal passa a dominar a cena, determinando um peso específico de “Noventa por cento de ferro nas calçadas./ Oitenta por cento de ferro nas almas/ E esse alheamento do

que na vida é porosidade e comunicação.” A metáfora do ferro torna-se símbolo da rigidez, da porosidade, da dureza. Assim como Krenak, Drummond enxerga no desenvolvimento minero não um motivo de orgulho, mas de luto, reconhecendo que esse projeto não se limita a um ambicioso empreendimento econômico, mas interfere no imaginário afetivo e na natureza.

Ambos os autores também compartilham um senso de pertencimento ferido ao ver esse espaço do seu entorno sendo violentado e corrompido. A pesquisadora e ativista Guarani Nhandewa, Sandra Benites, em “Corpo-território” – uma das publicações da série de Cadernos Selvagens – reforça a cosmopercepção indígena de que a terra não é apenas um lugar geográfico, mas um corpo-vivo, assim como o corpo é também um corpo-território.

O processo de formação desse corpo-território se dá de maneira coletiva e individual no decorrer da existência, resultado da relação direta do sujeito com o mundo, do modo como está inserido nele, carregando na própria pele as marcas de uma memória ancestral: “a memória é o próprio *teko*, é o próprio corpo, é o próprio território” (Benites, 2023, p. 3). Se esse corpo-vivo é violado, o corpo-território também se desfaz.

Quando o pico do Cauê é aos poucos exaurido e transportado, é também um pedaço de Drummond que parte na locomotiva dos trens. Quando Krenak vê o rio que cerca o entorno da sua aldeia ser envenenado de ferro, ele também é contaminado. A destruição provocada pela ideologia capitalista e os efeitos da mineração, criticados por Krenak, aparecem na poesia de Drummond com uma força poética que capta uma dor enrijecida, refletida na paisagem que desaparece e no sujeito moderno que destrói na mesma medida em que padece.

8 Considerações finais

A produção intelectual indígena revela conhecimentos adquiridos por meio da experiência de diferentes povos e culturas que compreendem o mundo para além de uma visão utilitarista e limitada. Nesse sentido, Ailton Krenak, pensador, escritor e ativista, elabora importantes análises acerca dos valores equivocados que regem a sociedade ocidental, apontando para a urgente necessidade de valorização da sabedoria ancestral. Por isso, sua voz é também essencial para propor possibilidades múltiplas de existência, assim como fez Carlos Drummond de Andrade e sua poesia contestadora.

O estudo entrelaçado das obras de Carlos Drummond de Andrade e Ailton Krenak – motivado pela ação de Krenak ao articular a poesia de Drummond com a crítica sociopolítica de sua própria obra – permite compreender que os dois, oriundos de diferentes horizontes culturais, mas provenientes de um mesmo contexto geográfico, convergem na denúncia da devastação ambiental, propondo, cada um à sua maneira, um movimento de desaceleração, de retorno ao essencial e de reflexão acerca da ideologia destrutiva vigente. Diante do atual e multifacetado cenário climático, evidencia-se a necessidade de um compromisso global com uma mudança de perspectiva e atitude político-social, capazes de reconfigurar as lógicas exploratórias que conduzem ao esgotamento do planeta, se é que isso ainda é possível.

Referências

- ANDRADE, C. *As impurezas do branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.
- ANDRADE, C. *Boitempo*: esquecer para lembrar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANDRADE, C. *Claro enigma*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.
- ANDRADE, C. *O maior trem do mundo*. Itabira: Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, 2025. Disponível em: <https://www.fccda.com.br/caminhos-drummondianos/2#gsc.tab=0>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- ANDRADE, C. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.
- BENITES, S. *A memória demarca o nosso corpo: corpo-Território 3*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2023/1/CADERDO73_BENITES_CORPOTERRITÓRIO3.pdf. Acesso em: 13 ago. 2025.
- DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.
- KOPENAWA, D; ALBERT, B. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOUR, B. *Diante de Gaia*: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. Tradução: Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- SUSSEKIND, F. Natureza e cultura: sentidos da diversidade. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 236-254, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/35915/25635>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- WISNIK, J. *Maquinação do mundo*: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.